

170276

SIST 5933

03a0056-49 (02)

REY
CLI 0277
SIST. 5933

1. Reinaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre o fim do ano
5. Porto Alegre
6. 1º de dezembro de 1949
7. nº 51
8. Seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 5 de maio de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

De repente sentiu que se aproximava do fim do ano. Fixou de novo os olhos na data do jornal, a palavra novembro ficou imóvel na sua consciência e em torno dela coisas fugazes e simultaneas começaram a aparecer. Pensou que exatamente agora, nesse mesmo momento, pessoas estariam como ele pensando a mesma coisa, talvez fazendo o mesmo gesto. Em todo o mundo muitas mascaras humanas estariam repetindo o seu momento, o pensamento voltado para o mistério do tempo que agora assumia um aspecto novo. Poucos teriam consciência desse mistério, mas apenas desse fluir inestancavel em torno de suas vidas, e pensariam nisso em termos precisos de datas e marcos convencionais. Procurou recordar os dias que se haviam escoado para que chagasse esse momento já tão próximo do fim do ano. Pois que...pensava, pois que, para chegarmos até aqui foi necessário que muitos e muitos dias surgissem, vibrassem, e se esboroassem, marcando novos momentos em cada vida. Que

foi feito desses dias? Não poderia agora recordá-los. Desejaria ao menos fixar alguns deles, captar de novo p precioso instante que alguma realização já remota hovesse marcado em seu interesse uma emoção diferente. Por certo havia vivido muitos momentos assim. Mas só as coisas, os acontecimentos, certos instantes que pareciam agora dissociados da contingencia do tempo, surgiram na sua memória. O fluido que os envolvera e os fixara no preciso segundo, no incerto minuto de suas realizações parecia evaporado para sempre com a cõr da luz nesse instante, o tato do vento passando pelo local da intercessão unica de tantas causas enfim envolvidas na resultante final. Não conseguia recuperar para a sua degustação distante nenhum marco nítido da vida, parado ao longe, numa data quase remota, mas perfeitamente rodeado pelo halo do momento. Sentia-se superficial e incapaz de qualquer sondagem pelos abismos da memoria. A linha lisa como a superficie de um mar estagnado marcava as fronteiras de seu poder de evocação. Poderia agora ajoelhar a alma numa demorada prece e ouvir talvez o passarinho cantando, e sair depois pela floresta das ruas, no tumulto da vida, entre os bazares do mundo, fascinado pelo gorgueio fugitivo. Iria até as vagas fronteiras dos suburbios, até os incertos limites onde a cidade se desdobra em paisagem e adormece no repouso dos caminhos anônimos. A sua frente continuaria cantando o passarinho misterioso como uma faísca de revelação.

Continuaria cantando na sua impalpavel revoada, e então desapareceria para sempre como se tivesse varado os limites de outro plano. E então ele voltaria para a cidade pelos caminhos diferentes e sentiria no coração um choque repentino verificando que tudo em torno havia se transformado, como se a substancia das coisas fosse torno e um incerto a modelasse no instantaneo milagre de um segundo. voltaria para a cidade diferente e compreenderia então que o tempo se acelerara e sepultara mais dias, anos e seculos que aqueles que ele vivera e dos quais agora não podia recuperar a colorida e gostosa lembrança. Era assim, como se houvesse escutado o canto daquele passarinho da lenda, sem nenhuma recordação desse tempo perdido, que sentia a aproximação de mais um fim de ano. Não guardava saudade de alguma coisa. Superficialmente, docemente, era feliz.